

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Herbert Victor Levy

Luiz Fernando Ferreira Levy
Paulo Roberto Ferreira Levy
Luiz Fernando Cirne Lima
Roberto de Souza Ayres

GAZETA MERCANTIL

Quinta-feira, 22 de fevereiro de 1990

Economia Brasil

DIRETORIA

Dirutor-Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy

Directores Vice-Presidetes
Henrique Alves de Araújo
Roberto Müller Filho
Roberto de Souza Ayres

Página 4

Em uma iniciativa elogiável sob todos os aspectos, os atuais responsáveis pela condução da política econômica reuniram-se, esta semana, com a principal assessora de Collor para a área, a economista Zélia Cardoso de Mello, e sua equipe, para uma avaliação franca das finanças públicas neste último estágio da difícil fase de transição por que está passando o País.

Foi vencido, assim, um preconceito que vinha impedindo aproximações entre personalidades de alto nível do governo que sai e do que entrará em 15 de março, e não temos dúvida de que esse encontro, ao qual a imprensa teve acesso, contribuiu para dar maior tranquilidade ao mercado financeiro, acalmando uma especulação que já beirava a histeria.

É verdade que o presidente José Sarney designou o ministro-chefe do Gabinete Civil, Luiz Roberto Ponte, para servir de interlocutor com a próxima administração, facilitando a transmissão de informações requisitadas pela equipe econômica de Collor. Esse intercâmbio, porém, só ocorreu a nível do segundo escalão, ao que se saiba. Para o grande público, a equipe econômica de Collor parecia estar

trabalhando inteiramente desvinculada de qualquer contato com o ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, ou do Planejamento, João Batista de Abreu, apesar de algumas medidas, como o reajuste das tarifas públicas, virem sendo interpretadas como um esforço do atual governo para tornar menos árdua a tarefa de seu sucessor.

Essa frieza entre as duas partes serviu, com certeza, para alimentar boatos, como o de que o atual governo, nos poucos dias úteis que ainda lhe restam, decretaria uma maxim-desvalorização do cruzado, o que, como notamos em editorial anterior, afetou o comportamento da balança comercial em janeiro.

Surgiram também estranhas notícias, partidas da área oficial, de que o País, até o término do mandato do atual presidente, iria pagar compromissos internacionais no valor de US\$ 3 bilhões. Isso fez levantar suspeitas de que poderia haver uma perigosa erosão das reservas cambiais em um momento em que o País vai precisar muito delas.

Agora, através do entendimento entre as equipes de Zélia e Mailson, tudo se esclarece. Os bancos internacionais não retiraram qualquer crédito comercial ao Brasil, e o governo atual não vai liquidar oito meses de pagamentos atrasados, principalmente de juros. Com isso, o governo Collor poderá contar com reservas de US\$ 7,1 bilhões e refinanciar os pagamentos em suspenso.

Quanto à controvertida questão das tarifas públicas — cuja atualização o presidente José Sarney resolveu sustar, em resposta à crítica de Collor quanto à Medida Provisória nº 129, pela qual o atual governo pretendeu aumentar os recursos orçamentários à sua disposição —, ficou estabelecido, na reunião, que elas serão reajustadas apenas com base na inflação corrente até o fim do atual governo. Decidiu-se, também, de comum acordo, que o governo Sarney não tomará mais nenhuma medida nova neste final de mandato.

Outras questões importantes foram discu-

tidas, mas bastam esses exemplos para demonstrar quanto são úteis as conversações entre integrantes de governos que se sucedem, como temos defendido desde a vitória final de Collor nas urnas, não só para obtenção de informações ou relato de experiências, mas também para afastar a ansiedade que toma conta do público nos períodos de transição, por mais conhecidos que sejam os planos do presidente às vésperas de assumir. Não é demais lembrar que esse tipo de entrosamento faz parte da praxe democrática nos países desenvolvidos, por mais acesa e combativa que a campanha eleitoral tenha sido.

É justamente pensando no efeito demonstração da reunião Mailson-Zélia que esperamos assistir a um encontro entre os presidentes José Sarney e Fernando Collor de Mello, antes de um passar a faixa ao outro. Ambos são, seguramente, estadistas capazes de superar divergências e esquecer atritos pessoais, em nome da introdução em nosso meio de um novo costume democrático. Mais que uma formalidade, o fato seria um reconhecimento claro de que as instituições são mais importantes que os homens que temporariamente as representam.